

## O ÊXTASE DO NADA – UM ESTUDO DO NIILISMO NOS CONTOS “VAZIO” E “DOIS HOMENS”, DE LUIZ VILELA

Prof. Me. Ronaldo Vinagre Franjottii (SED-MS)

### Resumo:

*A teoria literária, ao longo do século passado, englobou conceitos e aspectos de outras áreas, como a filosofia e a psicanálise. O que propomos nesse estudo é uma análise de dois contos presentes no livro TREMOR DE TERRA, de Luiz Vilela. Nossa análise tem como principal instrumento a filosofia de Arthur Schopenhauer. Apresentamos um conceito de niilismo, tomado a partir da obra de Schopenhauer, e mostramos como ele é um importante instrumento para a interpretação desses contos. Feita a análise do texto, propomos uma aproximação entre os contos selecionados de Vilela com o romance O ESTRANGEIRO de Albert Camus. A lição que fica de nosso estudo é que as distinções geográficas e literárias estão cada vez mais fluidas e a obra de Luiz Vilela, que traz preocupações e modos semelhantes de tratar questões universais, é uma grande indicação disso. A intensa carga filosófica e o trato de temas universais colocam o texto de Vilela além da brasilidade ou da regionalidade, além do centro e das periferias.*

**Palavras-chave:** filosofia, niilismo, literatura brasileira, literatura comparada, literatura francesa.

### 1 Introdução

Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba, interior de Minas Gerais, em 31 de dezembro de 1942. Desde a infância se interessou por leitura, e logo, pela literatura. Foi para a capital estudar e ingressou na Universidade de Minas Gerais (atual UFMG), onde se graduou em Filosofia. Estreou na literatura aos 24 anos, com o livro de contos **TREMOR DE TERRA**, pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Ficção em Brasília. Em seus escritos, desde essa primeira publicação, há sempre uma busca pelo sentido da vida em meio ao caos cinzento da classe média urbana, permeado de fantasmas e monstros, reais e fictícios. Em **TREMOR DE TERRA**, Vilela já apresenta um universo ficcional denso que flerta com as grandes questões da filosofia, como O vazio da existência frente à vida mecânica proposta pela modernidade. Analisamos dois contos, ambos pertencentes a **TREMOR DE TERRA**: “Dois Homens” e “Vazio”. A base filosófica de nossa análise foi a principal obra de Arthur Schopenhauer: **O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO**. Primeiro apresentaremos um conceito de niilismo tomado a partir de Schopenhauer, dois analisaremos dois contos presentes no livro **TREMOR DE TERRA**, feita a análise dos contos, propomos uma aproximação entre eles e o romance **O ESTRANGEIRO**, de Albert Camus.

### 2 Niilismo

Conceituar niilismo não é tarefa fácil, apesar de vários nomes serem associados a ele, como Schopenhauer, Nietzsche e Turgueniev, entre outros. Iniciemos nossa reflexão sobre o assunto com o verbete do dicionário de Nicola Abbagnano:

NIILISMO (in. Nihilism; fr. Nibilisme, ai. Nihilismus; it. Nickilismo). Termo usado na maioria das vezes com intuito polêmico, para designar doutrinas que se recusam a reconhecer realidades ou valores cuja admissão é considerada importante. Assim, Hamilton usou esse termo para qualificar a doutrina de Hume,

que nega a realidade substancial {Lectures on Metaphysics, I, pp. 293-94}; nesse caso a palavra quer dizer fenomenismo. Em outros casos, é empregada para indicar as atitudes dos que negam determinados valores morais ou políticos. Nietzsche foi o único a não utilizar esse termo com intuítos polêmicos, empregando-o para qualificar sua oposição radical aos valores morais tradicionais e às tradicionais crenças metafísicas: — “O N. não é somente um conjunto de considerações sobre o tema 'Tudo é vão', não é somente a crença de que tudo merece morrer, mas consiste em colocar a mão na massa, em destruir. [...] É o estado dos espíritos fortes e das vontades fortes do qual não é possível atribuir um juízo negativo: a negação”. (ABBAGNANO, 1998, p. 712).

O verbete acima abre um leque de opções na interpretação do termo, e deixa claro que ele assume diferentes conotações dependendo do autor. Ainda assim, pode-se perceber que quase sempre o termo é usado com carga pejorativa, o que seria inevitável, visto que a origem do termo é a palavra latina *nihil*, nada. Schopenhauer, apesar de não se considerar niilista, é o escolhido por nós para basear o conceito. Sua grande obra, **O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO**, despertou desde seu surgimento o espanto daqueles que se propuseram a lê-la (até Nietzsche se sentiu atraído por ela). Nessa obra, Schopenhauer propõe uma visão de mundo única, alicerçada em dois conceitos básicos: a *Vontade* e a *Representação*.

A primeira parte da obra magna de Schopenhauer tratará do conceito de representação, e é assim que ele a enuncia:

O mundo é a minha representação. – Esta proposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento em que é capaz de o levar a este estado, pode dizer-se que nasceu nele o espírito filosófico. Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol nem uma terra, mas apenas olhos que vêem este sol, mãos que tocam esta terra; em uma palavra, ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação, na sua relação com um ser que percebe, que é o próprio homem. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9).

O que Schopenhauer postula na citação acima gera uma mudança no modo como as principais correntes filosóficas, religiosas e dogmáticas concebiam o conhecimento até então. O saber era construído ou a partir do ponto de vista do objeto (caso do realismo onde do objeto se depreendia o sujeito e o mundo) ou do sujeito (caso do idealismo, onde tudo se constituía a partir do eu). O que Schopenhauer propõe é uma concomitância de sujeito e objeto, um não existe, nem é possível, sem o outro. Toda a percepção e concepção do mundo para Schopenhauer será dada pelos sentidos, pela racionalização dos objetos pelo sujeito. O mundo se constrói a partir do sujeito e não mais o contrário.

Na segunda parte do livro, ele tratará do conceito de Vontade:

Após os três livros precedentes, esta é, assim o espero, uma verdade que deve estar clara e bem estabelecida nos espíritos: que o mundo, enquanto objeto representado, oferece à vontade o espelho em que ela toma consciência de si mesma, em que ela se vê com uma clareza e com uma perfeição que vai decrescendo por graus, sendo o grau superior ocupado pelo homem; além disso, que a essência do homem encontra um meio para se manifestar plenamente primeiro através da unidade de sua conduta, em que todos os atos se mantêm, e que enfim é a razão que lhe permite tomar consciência desta unidade, permitindo-lhe abarcar o conjunto, com um só olhar e in abstracto. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 288).

O que está explicitado nas linhas acima é que, para Schopenhauer, vida e Vontade são uma coisa só. O mundo é na verdade uma representação da vontade. O próprio corpo, e por extensão o

mundo, é a visibilidade da vontade. Schopenhauer conceberá então corpo, vontade e movimento como uma coisa só que desencadeará a Representação. Não há ação humana sem causa, a Vontade, o que para Schopenhauer, é a chave para explicar todo comportamento humano, e, por extensão, explicar toda a realidade. O mundo é nossa representação, mas também é nossa vontade. É nesse ponto que a filosofia de Schopenhauer flerta com as filosofias orientais, como o budismo e o taoísmo, onde há a crença de que por trás da percepção sensível (dada pelos sentidos) há uma realidade última e verdadeira, alheia a tempo, espaço e causalidade. Os ensinamentos de Buda podem também ser facilmente relacionados à filosofia de Schopenhauer. O carma – que para Buda é a jornada de dores que resulta dos incessantes desejos – é equivalente à dolorosa existência em Schopenhauer, e o nirvana – estado de repouso supremo que se atinge quando liberto dos desejos e do apego de viver – é equivalente à negação da vontade schopenhaueriana.

Nessa visão, proposta por Schopenhauer, todos os dogmas caem por terra, não há mais um valor absoluto, visto que tudo é representação e que toda representação é individual e única. Há um esvaziamento dos valores e das proposições, o que se reflete até na visão de Schopenhauer do amor – um mero artifício da mecânica biológica que procura preservar a espécie. Schopenhauer promove então a realidade como uma realidade repleta de dores, visto que nunca conseguiremos contentar nossa Vontade. Para fugir das dores, ele propõe uma vida ascética que negue essa vontade de vida.

Para aqueles a quem a Vontade ainda anima, aquilo que resta, após a supressão total da Vontade, é efetivamente o nada. Mas, ao contrário, para aqueles que se converteram e aboliram a Vontade, é o nosso mundo atual, este mundo tão real com todos os seus sóis e todas as suas vias lácteas, que é o nada. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 431).

A citação acima encerra **O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO** e nos empurra inevitavelmente em direção ao nada, seja o nada da negação da Vontade, seja o da realidade que é mera representação.

### **3 Dois Homens**

Tomando a filosofia de Schopenhauer como base, toda a nossa existência se esvazia de sentido, dogmático ou não, e somos arrastados para o ceticismo e o pessimismo. A única saída é encarar a vida como um grande nada (*nihil*). Mas como expressar esse nada, esse esvaziamento de sentido? Vilela consegue fazê-lo com perfeição em “Dois Homens”, conto presente no livro **TREMOR DE TERRA**. A construção do niilismo se inicia na escolha temática, totalmente amena e cotidiana; dois homens num bar. Observe como a carência de adjetivação e identificação referente aos protagonistas já sugere o vazio (nada=*nihil*) que perpassará o pequeno conto.

Outro aspecto visível e inegável desse niilismo é a repetição no conto da palavra nada e de outras expressões negativas que sugerem o vazio existencial típico da estética niilista. Observe:

... não, ele não tem o ar melancólico

[...]

pois parece não estar pensando em nada – parece não estar pensando; e parece também não estar olhando para coisa alguma, apenas os seus olhos estão abertos e o seu rosto está voltado na direção da porta, mas não parece haver nada ligando-o à porta ou à outra coisa fora a porta.

[...]

... sem nada que nele se mexa.

[...]

... mas o rosto não expressa nem uma coisa nem outra; como o do velho, seu rosto não expressa nada e ele também parece não estar olhando para nada. Há talvez

uns quinze minutos já que os dois estão assim, sentados um frente ao outro sem dizer nada e sem fazer nada. Sob a luz clara do bar, entre outras mesas cheias de gente, conversas, ruídos, dão a impressão de dois objetos sem nenhuma relação entre si e com o mundo ao redor... (VILELA, 1978. p. 53)

Será mera coincidência essa repetição exacerbada da palavra nada (nihil) e de termos negativos? Jamais. Para nós fica clara a intenção do autor em marcar ideologicamente seu texto, assinalando de maneira visível a estética niilista. É justamente essa atitude de indiferença e apatia em relação ao mundo que o cerca a grande marca do niilista.

Como que para aniquilar qualquer dúvida sobre a influência do conceito Vilela encerra o conto de maneira majestosa:

Sob a luz clara do bar, entre outras mesas cheias de gente, conversas, ruídos, dão a impressão de dois objetos sem nenhuma relação entre si e com o mundo ao redor, e que se acham ali por mero acaso, e que serão recolhidos com a garrafa, os copos e os pratinhos pelas mãos ágeis do garçom, que não vendo neles qualquer utilidade os lançará ao lixo. (VILELA, 1978. p. 53)

No universo niilista o lixo é o destino de todos os seres, de todas as crenças, de todos os desejos, enfim, de toda a vida. O garçom que ao final da refeição é encarregado de recolher os restos e jogá-los fora é a metáfora perfeita da morte, que ao fim de toda vida, se encarrega de nos recolher (visto a nossa inutilidade naquele determinado momento) e também dar cabo de nossa existência.

#### **4 Vazio**

O conto “vazio” pertence ao livro do conto anterior e é, tal qual o outro conto selecionado, denso e niilista. O conto retrata um diálogo de um casal numa situação aparentemente corriqueira: o marido retorna do trabalho mais cedo e sua esposa fica curiosa e procura saber o motivo de sua inesperada chegada. O conto é composto pelas falas do casal e de um narrador que apenas serve para situar o leitor quanto à movimentação que ocorre durante a conversa. O narrador inicia o conto descrevendo a entrada de Paulo, o marido:

Fecha a porta de leve. Sem tirar o paletó (a primeira coisa que fazia depois de entrar), sentou-se na poltrona da sala. Encostou a cabeça atrás e ficou olhando para o teto. A mulher veio da cozinha. assutou-se. (VILELA, 1978, p. 113).

Pela reação da esposa podemos presumir que há uma mudança nos hábitos d o marido; segundo o narrador, Paulo não tirou seu paletó como era de seu costume todas as vezes em que entrava em casa, depois do trabalho. A esposa começa a indagá-lo sobre o porquê está em casa tão cedo. O marido nada fala.

Ele não respondeu, nem se moveu, olhando para o teto como se não tivesse visto ou escutado a mulher.

— Aconteceu alguma coisa?

Ela aproximou-se da poltrona.

— Quê que aconteceu?

Olhou-o bem no rosto: ele então olhou para ela.

— Não é hora de você estar aqui...

Esperou a resposta nos olhos dele, na boca, talvez um sorriso, mas a boca não se mexeu, e os olhos parados nela, mas não olhando para ela ou para alguma coisa nela, nem para algo invisível que estando nele, lembrança ou pensamento obsessivo, como que estivesse entre ele e ela, e nem também esse olhar para dentro, de quem medita, tão freqüente nele: aqueles olhos estava olhando para nada, como se na

frente deles e detrás deles só houvesse vazio; estavam ali, só estavam ali, naquele rosto imóvel e sem expressão, a boca muda, mas não a mudez de quem esta abafando palavras ou silêncio: a mudez de quem tivesse desistido da palavra e do silêncio, pois aquela mudez era mudez de nada.

A mulher se agachara ao lado da poltrona e passava a mão carinhosamente na cabeça dele.

— Por que você não quer falar? Está doente?

— Não. (VILELA, 1978, p. 113).

Depois de muito insistir, a esposa consegue arrancar de Paulo, o marido, apenas um não. percebemos no trecho acima a repetição da palavra nada e sua associação com vazio. Na seqüência a esposa continuará tentando arrancar de Paulo uma resposta para o que está acontecendo, em vão. Paulo, assim como os protagonistas do conto “Dois Homens” está em êxtase, seduzido pelo nada. É como se em determinado momento o sujeito percebe-se toda a mecânica inútil da vida e simplesmente desistisse de tomar sua parte nela. Como enuncia Camus em **O MITO DE SÍSIFO**:

Num universo subitamente privado de ilusões e de luzes, o homem sente-se um estrangeiro. Tal exílio é em recurso, visto que está privado das recordações de uma pátria perdida ou da esperança de um terra prometida. (CAMUS, s. d., p. 30).

A sensação de exílio de que trata Camus é esse êxtase frente ao nada da existência, o mesmo que arrebatou Paulo e os dois homens do conto anterior. A esposa não partilha desse esvaziamento de sentido, desse nada, logo, mesmo que queira, seria impossível para o marido explicar-lhe o que se passa. Ainda assim, a recusa do esposo em explicar o que lhe sucede faz com que ela insista cada vez mais. Por fim, o marido perde a paciência e encerra definitivamente a discussão com a esposa.

— Diabo, por que você não pára de falar? Já disse tudo, não estou com vontade de conversar, não está vendo que não estou com vontade de conversar?

— Pois eu estou, e você vai responder às minhas perguntas, que desaforo também, ora essa: pois não saio daqui enquanto não puser essa história em pratos limpos: eu sou sua mulher, você tem que me dizer.

Ele tornou a fechar os olhos, reclinando a cabeça de lado na poltrona.

— Como é? Estou esperando.

Os olhos fechados.

— Anda, fale.

Imóvel.

— FALE!

O jarro atingiu-o de cheio no rosto; ele não chegou a erguer-se: teve um estremecimento e a cabeça tombou. A mulher viu o sangue na fronte e, antes de qualquer gesto, entendeu que o havia matado. (VILELA, 1978, p.112).

Não suportando a indiferença do marido e sua recusa em fazer-lhe compreender a situação, a esposa tem um ataque de fúria e acidentalmente o mata. Essa é a coroação perfeita para um conto que versa sobre o absurdo da existência. Depois da supressão de todas as vontades só nos resta o nada, e assim é para o marido que assassinado é lançado literalmente na não-existência. Quando Paulo desiste de manter uma representação que vê como absurda, seu sentido é anulado e ele é definitivamente lançado ao nada.

## **5 O ESTRANGEIRO**

Publicado por Albert Camus em 1942, **O ESTRANGEIRO** tornou-se logo um sucesso

literário. Talvez esse sucesso se deva à associação (contrária à vontade autor, aliás) de sua obra com a filosofia existencialista. Camus afirma que sua obra não reflete a filosofia de Sartre, amigo do autor à época, mas sim, de sua própria tese: o absurdo. O romance, aliás, faz parte de uma trilogia onde o autor exporia sua teoria do absurdo, as outras obras são: **O MITO DE SÍSIFO – UM ENSAIO SOBRE O ABSURDO** e a peça **CALIGULA**. Nosso objetivo ao comentar sobre esse romance e sobre o conceito de *absurdo* em Camus é estabelecer um paralelo entre a literatura deste e a de Luiz Vilela presente nos contos analisados. Primeiramente, devemos ter em mente que para Camus, o termo absurdo adquire duas significações distintas: a primeira diz respeito a *um estado* propriamente dito e a segunda, à *consciência*, que algumas pessoas adquirem, *desse estado*.

Esse *estado absurdo* é a relação do homem com o mundo. Meursault, o protagonista, vive em profundidade esse absurdo desde o parágrafo inicial da obra:

Hoje, a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: <<Sua mãe falecida. Enterro amanhã. Sentidos pêsames>>. Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem. (CAMUS, s. d., p.47).

Frente à morte da mãe, o que mais consterna o narrador é a imprecisão do telegrama enviado pelo asilo onde ele a recolhera. Aliás, o fato de ele a haver enviado ao asilo é um sintoma de que essa relação não era tão profunda quanto se pressupõe ser uma relação entre mãe e filho. Ao longo da narrativa, Meursault demonstra que sua relação com a mãe não era ruim, como se podia esperar pelo seu comportamento. Sua relação com a mãe e com o mundo era calcada naquilo que julgava sentir e Meursault não sentia nada, senão aquilo que lhe vinha pelos sentidos.

Esta pressa, esta correria e, talvez, também os solavancos, o cheiro da gasolina, a luminosidade da estrada e do céu, tudo isto contribuiu para que eu adormecesse no caminho. Dormi quase todo o tempo. (CAMUS, s. d., p. 48).

Apesar da morte da mãe, são as sensações físicas que guiam Meursault e embalam seu sono. Para o protagonista, sua representação da realidade é a representação daquilo que ele sente fisicamente, através dos sentidos. Para Meursault não há metafísica. Ele se envolve com uma colega de trabalho e inicia um romance assim que chega do velório da mãe. Mesmo na relação com a “amada”, o protagonista não consegue sentir nada além do prazer físico. Em uma leitura schopenhaeriana, ele é a personificação da *vontade de vida*. Mais tarde, Meursault estabelece amizade com um notório proxeneta chamado Raimundo. Raimundo o envolve numa briga com dois árabes numa praia. A briga acaba e eles retornam à casa. Meursault decide retornar à praia mais tarde e encontra um dos árabes e por conta do incômodo causado pelo sol e pelo suor em seus olhos atira acidentalmente no homem. Preso e condenado pela morte do homem, Meursault é julgado mais por sua postura niilista que por seu crime. É condenado à morte e na prisão, ao confrontar um capelão, tem sua iluminação:

Então, não sei porquê, qualquer coisa rebentou dentro de mim. Pus-me a gritar em altos berros e insultei-o e disse-lhe para não rezar e que, mesmo que houvesse um inferno, não me importava, pois era melhor queimar no fogo do que desaparecer. (...) Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já que vivia como um morto. (...) Era como se durante esse tempo todo tivesse estado à espera deste minuto... e dessa madrugada em que seria justificado. Nada, nada tinha importância e eu sabia bem porquê. (CAMUS, s. d., p. 223).

É na prisão que Meursault consegue anular sua *vontade de vida*, e, segundo Schopenhauer, o que resta após a supressão total da vontade é efetivamente o nada. Esse estado de êxtase do protagonista é exatamente o mesmo dos homens descritos nos contos de Vilela, quando cessa a *vontade de vida*, a *representação* perde seu sentido, e se é lançado em direção ao nada.

## Conclusão

Ao longo do romance de Camus e dos contos de Vilela, percebemos uma ligação óbvia, o êxtase do nada. No conto “Vazio” e no romance, o homem se sente confrontado com uma *representação* que não lhe oferece sentido e quando ele passa a negar a *vontade de vida* (negação já presente na incapacidade de engajamento social dessas personagens) é arremessado ao nada. Esse êxtase, ainda que temporário já que pode ser interpretado como resultado de uma saciedade momentânea, é o mesmo encontrado no conto “Dois homens”, em que pai e filho já se encontram, desde o início da narrativa, em tal estado. Em O MITO DE SÍSIFO, Camus explica sua teoria do absurdo, demonstrada no romance O ESTRANGEIRO. Segundo Camus, o homem absurdo é um homem consciente perante o mundo, “O presente e a sucessão dos presentes perante uma alma sempre consciente é o ideal do homem absurdo”(CAMUS, s. d., p.64). Esse é o sentido do título *estrangeiro*, alguém que não aceita as normas, mas questiona as diversas *representações* com que é confrontado diariamente. É o comportamento de Meursault, assim como o de Paulo (do conto de Vilela), que por fim o conduzirá à revelação final do nada que decorre da total negação da *vontade* – o êxtase do nada.

## **Referências Bibliográficas**

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Rogério Fernandes. Lisboa: Editora Livros do Brasil, n/d.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo – Ensaio sobre o absurdo*. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa: Editora Livros do Brasil, n/d.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

VILELA, Luiz. *Tremor de Terra*. São Paulo: Ática, 1978.

---

## **iAutor**

**Ronaldo VINAGRE FRANJOTTI, Prof. Me.**  
Secretaria de Estado de Educação (SED-MS)  
tutor.franjotti@gmail.com